

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FALCUDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE CURSO  
DE PSICOLOGIA**

**GABRIELA DAHER GONCALVES MONTEIRO DOS REIS**

**ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO SUICÍDIO  
A PARTIR DA REVISÃO DE LITERATURA**

**SÃO PAULO**

**2022**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE CURSO  
DE PSICOLOGIA**

**GABRIELA DAHER GONCALVES MONTEIRO DOS REIS**

**ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO SUICÍDIO  
A PARTIR DA REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial  
para a graduação no Curso de Psicologia da Faculdade  
de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cecília de Vilhena Moraes.

**SÃO PAULO  
2022**

*“ Veja, Charlotte, que não tremo ao pegar a  
fria e terrível taça por onde quero beber a  
embriaguez da morte! É você quem me  
apresenta e eu não hesito um só momento.  
É assim que se consumam todos os votos,  
todas as esperanças da minha vida, todas!  
Quero bater, gelado e rígido, à porta de  
bronze da morte!*

**(GOETHE, 201, p.117)**

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, por permitir que eu busque meus sonhos sempre com a certeza de que terei um porto seguro para voltar;

Ao meu amor e companheiro, por me dar confiança sempre que me falta;

Às minhas amigas, que fazem minha rotina ser especial;

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cecília de Vilhena Moraes, pela orientação deste trabalho e por me mostrar os entrelaces entre filosofia e psicologia;

À minha psicóloga, Fernanda Viana, por me ouvir com carinho;

Á Bilet Tatit Sapienza, por me fazer amar a fenomenologia antes mesmo de eu saber o que era.

## RESUMO

O suicídio sempre foi uma questão não resolvida para as ciências que se propõem a estudar o homem e cada uma delas vê o fenômeno sob uma ótica própria. Para Albert Camus, o suicídio é o único problema sério da filosofia e a questão fundamental é julgar se a vida vale a pena ou não. Jean-Paul Sartre considera a responsabilidade individual perante o ato. Ambos os filósofos refletem a respeito do sentido da vida, ou da falta desse, o que permeia a questão de eliminar a própria vida. Outros pensadores, como o sociólogo Émile Durkheim, veem o fenômeno como exclusivamente social. Este trabalho discute a natureza multifatorial do suicídio a partir da perspectiva da psicologia fenomenológica, aliando as ciências filosóficas às ciências sociais, a partir de uma revisão da literatura publicada sobre o assunto. Os temas são discutidos sob a perspectiva fenomenológica de Martin Heidegger, dada sua possibilidade de acolher as múltiplas contribuições da ciência, sem interferência de teorias pré-estabelecidas acerca do homem.

**Palavras-chaves:** suicídio; psicologia; fenomenologia; existencialismo

## **ABSTRACT**

Suicide has always been an unresolved issue for the sciences that study man, each one with his own perspective of the phenomenon. For Albert Camus, suicide is the only serious problem in philosophy; the fundamental question is whether life is worth it or not. Jean-Paul Sartre considers individual responsibility for such an act. Both philosophers reflect on the meaning of life, or lack thereof, which permeates the question of eliminating life itself. Other thinkers, such as the sociologist Émile Durkheim, consider it a social phenomenon exclusively. This study discusses the multifactorial nature of suicide from the perspective of phenomenological psychology, combining the philosophical sciences with the social sciences, based on a review of the published literature on the subject. The themes are discussed from the phenomenological perspective of Martin Heidegger, given its possibility of welcoming the multiple contributions of science, without interference from pre-established theories about man.

**Keywords:** suicide; psychology; phenomenology; existentialism



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>04</b>
1.1 SUICÍDIO	05
1.2 FENOMENOLOGIA	08
<b>2 OBJETIVOS</b>	<b>11</b>
<b>3 MÉTODO</b>	<b>12</b>
<b>4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b>	
<b>5 DISCUSSÃO</b>	
<b>6 CONCLUSÃO</b>	
<b>REFERÊNCIAS</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

Os questionamentos filosóficos da Psicologia sempre chamaram minha atenção. Parece clichê, mas perguntas sem resposta como “de onde viemos?”, “para onde vamos?” ou “por que estamos aqui?” sempre me intrigaram e fascinaram. O suicídio também me move, não somente no sentido da dor compartilhada, como também pelas perspectivas filosófica e acadêmica. Gostaria de entender esse ato que considero ao mesmo tempo tão humano e tão desumano. Humano, pois somente nós somos capazes de sofrer de maneira tão intensa, e desumano, pois somos responsáveis pela morte do outro quando uma das causas que levam uma pessoa a cometer tal ato diz respeito ao nosso caráter social cada vez mais raso, frio e distante uns dos outros.

A fenomenologia foi a primeira aula que tive no curso de Psicologia, e me encanta desde então. Ela me acolhe no sentido de que me sinto junto ao meu grupo, pois os pensamentos fenomenológicos fazem sentido para mim. Antes disso, já me consultava com uma terapeuta *daseinsanalítica*, sem saber o que isso era, mas já me sentia bem no espaço que eu tinha para deixar meus questionamentos fluírem livremente, mesmo que quase nenhum tivesse respostas. Com essa terapeuta, chamada “Bile” Tatit Sapienza, aprendi sobre John Donne e usarei as obras dela para fundamentar grande parte de meu trabalho. Além de reconhecê-la como uma das principais referências da fenomenologia brasileira, também este trabalho também é uma forma de agradecer a ela e homenageá-la.

Ademais, a fenomenologia me fascina pela falta de rótulos, nomes prontos, diagnósticos e outras classificações que, para mim, não fazem sentido ao estudarmos o Homem. A psicologia fenomenológica foi escolhida por não ser uma teoria com respostas prontas para as questões humanas. Como explica Sapienza (2015),

(...) para compreender fenomenologicamente aquela existência, é preciso não aprisionar o que está começando a aparecer através da fala da pessoa num esquema teórico interpretativo que pretenda dar uma explicação do que está surgindo. Não é uma teoria da psicologia que o dito por ela deve se encaixar, mas, sim, o sentido, ou seja, o horizonte de compreensibilidade daquilo que chega deve ser buscado no contexto daquela história que está ali, pois é aquela história o que constitui aquela existência particular. (SAPIENZA, 2015, p.43).

Sob tal perspectiva, não há um molde de personalidade suicida, nem uma causa determinista para o ato. Ao invés disso, aproximamo-nos do fato e do sujeito de maneira crua, sem pré-conceitos, para entender o fenômeno da forma como ele aparece para

cada indivíduo. A fenomenologia verá o suicídio da maneira como ele aparece para cada um, não existindo um molde pré-determinado para o colocarmos.

## 1.1 SUICÍDIO

Cada sociedade constrói sua visão própria de suicídio. As diferenças vão desde um ato abominável, como nas sociedades cristãs, como algo honroso, como os *kamikases* japoneses. Entretanto, a maioria das culturas mantém esse fenômeno escondido (SILVA, 2019).

Na cultura ocidental, matar-se é visto como um ato negativo, principalmente, a partir do século V, com Santo Agostinho, que toma o suicídio como pecaminoso: quem tirasse a própria vida não seria aceito no Reino dos Céus. Na Idade Média, o ato se tornou um crime e, com a ascensão da ciência, a medicina passa a ver o suicídio como um ato patológico de loucura. Hoje em dia, ainda sob hegemonia da ciência, pela qual o homem procura meios de prolongar e controlar a vida e evitar a morte a todo custo, o suicídio vai contra essa mentalidade. (NETTO, 2013). Via de regra, a prática é atribuída ao indivíduo como único responsável pelo ato. Entretanto, as causas são sempre multifatoriais, sendo necessário levar em conta, também, o contexto social em que a vítima está ou esteve inserida. Pessoas afetadas por quem se matou são chamadas de sobreviventes, que são, geralmente, familiares e amigos das vítimas. (CFP, 2013). Cinco a dez pessoas são afetadas de maneira emocional, econômico e socialmente. (CESCON et al, 2018). Por esse motivo, o suicídio é considerado um problema de saúde pública pelo CFP (2013).

De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde), uma média de 800 mil pessoas se suicidam anualmente, o que equivale a uma morte a cada 40 segundos. Em 2016, último ano dos registros internacionais da OMS, 79% desses casos ocorreram em países de baixa renda, fato que aponta para a relação com questões sociais. Também é a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos. (OMS, 2016)

Para cada número de suicídios consumados, as tentativas são 20 vezes mais frequentes - ou seja, se existem cerca de 800 mil mortes anuais, temos 16 milhões de tentativas que as acompanham. Históricos de depressão e abuso de álcool, fenômenos considerados como “desordens mentais” pela OMS, são os principais fatores comuns

entre aqueles que tiram a própria vida. Porém, não podem ser os únicos preocupantes, visto que muitos suicídios ocorrem em momentos de crises intensas não associados a sofrimentos prévios. Experiências de perdas (mortes, término de relacionamento, falência, desemprego etc.), violências diversas, dores crônicas e emergências humanitárias (como exílio do país de origem) também são fatores de risco para o acometimento. (OMS, 2016)

Porém, o fator mais preocupante, que confere maior probabilidade de suicídio, são tentativas anteriores de cometê-lo. Ademais, segundo dados da OPAS (Organização Pan- Americana de Saúde, 2018), envenenamento por pesticidas, enforcamento e armas de fogo são os principais meios usados por quem pretende se matar.

Apesar de todos esses dados, é importante ressaltar que eles são de 2016, ano mais recente disponibilizado pela OMS. Novas atualizações se fazem extremamente necessárias, pois são imprescindíveis para elaboração de planejamentos públicos e particulares na prevenção do suicídio. Existem dados recentes, de 2022, quanto ao número de mortes por suicídio em cada país em homens e mulheres, mas não há análises a respeito. Alguns países, como os Estados Unidos, têm seu próprio banco de dados, denominado *American Association of Suicidology*, atualizado anualmente com dados específicos em relação a gênero, raça, idade, classe social, marginalização etc., além de conter programas de treinamento e de ajuda psicológica e psiquiátrica. (ASS)

No Brasil, estão disponíveis dados do Ministério da Saúde, atualizados pela última vez em 2018, que ratificam os dados da OPAS quanto à preferência por intoxicação como meio de tirar a própria vida (não necessariamente consumado) - quase metade das notificações do ato foram por tentativa de suicídio; entretanto, as substâncias mais usadas aqui não são pesticidas, mas medicamentos humanos. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018)

Dados do CVV (Centro de Valorização da Vida) informam o número de ligações recebidas e a duração de cada chamada, o período do ano, número de voluntários etc. Contamos também com os dados da própria OMS, já apresentados anteriormente, mas com algumas especificações brasileiras, atualizadas pela última vez em 2017: 11 mil tiram a vida por ano, sendo a quarta maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, duas posições atrás da tendência mundial. No Brasil, mais da metade das mortes nesse período resulta de violência e acidentes - quarta causa entre homens dessa idade e oitava em mulheres. Entre os anos de 2007 e 2016, a taxa de mortes por suicídio por 100 mil habitantes aumentou 16,8%, com um aumento de 28% entre os homens. (CVV).

Uma informação que salta aos olhos é a diferença entre etnias: apesar de os homens ainda serem os protagonistas, os indígenas se matam 3,5 vezes mais do que o resto da população, quase metade na faixa entre 10 e 19 anos de idade. O enforcamento representa mais da metade das tentativas que resultaram em mortes, seguidas por intoxicação exógena (maior parte das tentativas) e armas de fogo. A intoxicação quadruplicou sua frequência. Quanto aos sexos femininos e masculinos, a diferença é muito grande, uma tendência mundial - em todos os países vinculados à OMS, os homens foram a maioria que se matou, apesar de as mulheres superarem em tentativas. Essa diferença também pode indicar fatores sociais envolvidos. No Brasil, a taxa de suicídio de 2022 para cada cem mil habitantes foi de 10,9 nos homens e três nas mulheres. (WHO, 2022)

Apesar de muitos detalhes apresentados, eles ainda não são suficientes para se ter uma boa noção da situação brasileira, pois os dados não são atualizados regularmente. A coleta deveria ser feita, pelo menos, a cada ano, para que se *possa saber com maior exatidão as causas do suicídio e as variáveis que interferem no número de tentativas*. Apesar da causalidade multifatorial, a maior frequência de relato de dados permitiria analisar relações mais diretas com o fato, como mudanças políticas drásticas, operações de desmatamento, datas festivas etc. Além disso, a coleta deveria ser feita por região, para identificar quais municípios precisam de mais atenção, uma vez que a instalação do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) reduz em 14% as taxas de mortalidade por suicídio, segundo o Ministério da Saúde. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016)

O detalhamento das informações em relação ao suicídio causado por ingestão de substâncias exógenas, principalmente medicamentos, aponta para outra causa social: a intensa e crescente medicalização da sociedade.

Assim, dois pontos merecem destaque: a necessidade de coleta de dados mais frequente no Brasil; a vulnerabilidade social que muitas vezes acompanha o fenômeno, que não é exclusivo dos chamados transtornos mentais. Como observa Nilson Berenchtein (2013), apela-se para o biologicismo como forma de ocultar os fatores sociais envolvidos.

Para explicar esse apelo à biologia, Berenchtein comenta duas passagens. Uma delas são as palavras de Leon de Souza Lobo Garcia, da Secretaria de Saúde do Município de São Paulo, segundo o qual as causas do suicídio são multifatoriais e a maioria (90%) que o comete tem algum transtorno mental - uma afirmação simplista,

pois resume a multifatorialidade a uma causa orgânica. Além disso, o que se considera como transtorno mental também tem diversas origens causais. A outra passagem, trazida por Neury Botega, referência nacional nos estudos de suicídio, afirma que 97% dos casos, ou seja, a quase totalidade, revelam sofrimento psíquico ou transtorno psiquiátrico. Seguindo a discussão, o autor questiona:

Nós estamos falando do suicídio na sociedade capitalista, sociedade esta que é fundada na exploração e profundamente marcada pela opressão, pela desigualdade, pela competitividade e pelo individualismo. Onde estão esses, entre outros elementos, na hora que se analisam as ideações, tentativas e, principalmente, suicídios consumados? Nas horas em que se justificam as mortes por transtornos psiquiátricos - que também deveriam ser compreendidos como fenômenos de causas complexas e de múltiplas determinações - tal como o suicídio, sempre costuma ser manifestado. (NETTO, et al., 2013, p. 20)

Dessa forma, principalmente a partir do caráter individualista do nosso sistema, as razões pelo suicídio ou tentativa são colocadas dentro do sujeito, como algo pertencente a ele e justificado por uma doença que ele tem.

## 1.2 FENOMENOLOGIA

A fenomenologia é, antes de tudo, uma filosofia. Foi proposta por E. Husserl no século XIX (AMATUZZI, 2009) e levada para a psicologia por M. Boss e L. Binswanger no início do século XX. (MOREIRA; PITA, 2013) Esses autores propuseram um fazer clínico baseado nas ideias de Martin Heidegger e sua obra “Ser e Tempo” (1927), prática denominada *daseinsanálise*. (COSTA, 2017)

Tal filosofia propõe uma nova maneira de enxergar o homem. No modelo convencional, os objetos existem no mundo e o homem os observa e relata de maneira objetiva aquilo que está a sua frente. Já no modelo fenomenológico, o mundo é percebido pela experiência imediata - não somos passivos frente aos objetos, mas participamos ativamente de suas existências, pois algo só existe se há alguém para percebê-lo. Dessa forma, cria-se uma nova maneira de pensar e ver o mundo e o homem, estes dois não mais separados, mas como um único ser. (ABREU, 2017)

Esse modelo filosófico se volta para o sentido do ser, pois o homem é o único ente capaz de levantar essa questão, cuja resposta nos é exigida. Ao homem, Heidegger denomina *Dasein* o seu modo de ser, que significa *ser-aí* (SODELLI, 2011; SODELLI-TEODORO, 2011). *Dasein*, portanto, é o homem, o ser, que é-no-mundo; é

uma abertura para que outros entes se manifestem, uma existência, e não uma mistura biológica e psicológica, corpo e mente, inconsciente e consciente. Essas dicotomias não existem para Heidegger. Somos sempre uma possibilidade, um “poder-ser” constante (SAPIENZA, 2011).

Esse *poder-ser* é suscetível a qualquer tipo de acontecimento, inclusive ao de perdas que causam dor. Nossa existência se caracteriza pela busca por um sentido para o qual viver vale a pena e nos definimos a partir desse sentido, que se mostra fundamental tanto para viver quanto para morrer com dignidade. Somos capazes de nos doar para a morte devido a um forte sentido da vida, como em um ato heroico de forte ideal. Entretanto, há também os homens pobres de sentido, seja porque o sentido foi se perdendo aos poucos, seja a um acontecimento devastador. (POMPEIA, J.; SAPIENZA, B, 2011).

De acordo com Heidegger, a angústia é o traço constitutivo da existência do *Dasein*, pois apenas o homem é capaz de se angustiar. Essa angústia deriva de estarmos lançados no mundo e de nossa finitude (WERLE, 2003). Somos postos em um mundo impessoal que nos oferece modelos já prontos para serem seguidos sobre como devemos tocar nossa vida. Ficamos perdidos nessa chamada cotidianidade, até o momento em que nos aproximamos de nós mesmos. Então, entramos em contato com o que nos é próprio, que nos diz respeito e que é pessoal de nossa existência única e particular. Chamamos isso de viver autêntico.

Dessa forma, nos angustiamos ao perceber que devemos suportar o peso de nossa existência e somos inteiramente responsáveis por ela. A autenticidade, o achado do sentido de cada existência, é um esforço que somente a pessoa pode fazer por ela mesma. Essa possibilidade, entretanto, só pode começar a ser alcançada quando percebemos que a vida é finita. É a angústia causada pelo ser-para-a-morte que desperta em nós a jornada pelo sentido. Podemos ver o mesmo pensamento no existencialismo sartriano, pois Sartre coloca o homem como inteiramente responsável pelo que ele é, assim como responsável pela humanidade (ALVARENGA, 2015).

Referimo-nos, anteriormente, à angústia como a disposição que leva à possibilidade de singularização, por colocar o *Dasein* em contato com o seu ser mais próprio, que é a existência como abertura de sentido. Sendo o ser-para-a-morte a possibilidade mais própria, irremissível e insuperável do homem como projeto, pode-se dizer que toda angústia aponta, em última instância, para o caráter temporal e finito da existência (NOVAES DE SÁ, 2010).

Portanto, fica claro que a morte, para a fenomenologia, não é apenas mais uma das infinitas possibilidades de nossa existência, mas também a nossa possibilidade de começar a viver de fato a partir da percepção dela. Como entender, então, aqueles que ultrapassam a aceitação da morte e vão buscá-la, tirando a própria vida?

O suicídio como opção pela morte é a eliminação da angústia do ser. A abertura de mundo para esse Dasein está completamente danificada, visto que a única possibilidade que enxerga à sua frente é a impossibilidade. De acordo com Dutra (2011), a partir da análise de seis casos de tentativa de suicídio em jovens, verificou-se que estavam mergulhados na cotidianidade e no modo de ser de outrem, pois não se apropriaram da angústia do ser-para-morte. Isso não significa que eles não estavam cientes do fim, mas que não o aceitaram como parte da existência no momento de crise em que a angústia vem à tona.

Quando não se abre à angústia, parte-se para localizar no mundo concreto, no outro, e não em si mesmo, uma explicação para a dor. O mundo é responsável pela angústia vivida. É preciso conhecer, classificar e catalogar o sofrimento. Este, decorrente da angústia, necessita ser nomeado e compreendido. É difícil para o homem olhar de frente a sua finitude, porque ao fazê-lo, além de enfrentar a certeza da morte, toma consciência de que ninguém jamais poderá viver por ele, desvelando-se, assim, o seu poder-ser; portanto, é preciso se apropriar da vida e das suas escolhas. A possibilidade da morte revela a vida que se vive. E enfrentar a realidade da vida que se tem muitas vezes é tão frustrante, que em muitas pessoas prevalece a intolerância à dor, conduzindo-os, frequentemente, a escolher a morte e assim, escapar do sofrimento. O sofrimento de empunhar o seu si mesmo, de apropriar-se da sua existência assumindo todas as implicações que dela decorrem (DUTRA, 2011)

Dutra (2011) e Nilson Berenchtein Netto (2013) se aproximam na discussão do suicídio ao comentar a contribuição da superficialidade de sociedade em que sofrer é condenável e devemos eliminar nossas dores de qualquer maneira, seja fingindo estar bem, medicalizando ou se matando. Portanto, além de se olhar para o indivíduo, é importante observar o mundo em que é lançado.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO PRIMÁRIO**

Este trabalho tem como objetivo primário contribuir para a prevenção do suicídio e a ajuda a familiares e amigos no enfrentamento do luto.

## 2.2 OBJETIVO SECUNDÁRIO

Como objetivo secundário, pretende-se:

- Investigar como a fenomenologia entende o suicídio, de forma a aliar o pensamento filosófico com as diversas causas para o ato;
- Contribuir para a prática clínica fenomenológica, em especial a *daseinsanalítica*, diante de casos de tentativa ou ideação suicida, visto que a produção científica de conhecimento é de extrema importância para o entendimento desse fenômeno. Não se propõe uma interpretação do suicídio, muito menos uma forma exata de como lidar com o paciente, mas apenas oferecer subsídios informativos que possam aumentar o conhecimento do terapeuta a respeito do fenômeno, que continua sendo único a cada *Dasein*.

## 3 MÉTODO

Este trabalho é uma revisão bibliográfica narrativa acerca da visão do suicídio pela perspectiva fenomenológica-existencial, que visa discutir a escolha por tirar a própria vida e as causas atreladas a esse ato. Como a fenomenologia na área da psicoterapia é uma atividade recente no Brasil (COSTA, 2017), não há muitos materiais científicos disponíveis para uma análise abrangente.

A pesquisa bibliográfica foi realizada nas bases de dados Scielo, portais acadêmicos das universidades PUC-SP, UFRJ e UERJ, além de *sites* governamentais, como o do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde. Também foram usados livros de Bilê Tatit Sapienza e do Conselho Federal de Psicologia. As palavras-chaves usadas para as pesquisas foram: suicídio; fenomenologia; Heidegger; psicologia; psicologia existencial; psicologia fenomenológica; Husserl; Merleau-Ponty; Biswanger; Boss. Foram encontrados 16 artigos no período de 2003 a 2020.

De início, o trabalho apresenta a revisão bibliográfica narrativa de trabalhos que se voltaram para o fenômeno suicídio sob a perspectiva de autores como Merleau-Ponty e Heidegger, ao mesmo tempo em que são levantadas relações entre os textos. Posteriormente, inclui-se à discussão fenomenológica o caráter social do suicídio, analisando-o na contemporaneidade a partir de contextos sociais da adolescência e de baixa renda.

#### 4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Todos os textos analisados abordam o suicídio a partir da visão fenomenológica e trazem, cada um, diferentes contribuições para entender o fenômeno.

O artigo escrito por Boris, Moreira e Rocha (2012) analisa, a partir da fenomenologia humanista, os casos de seis homens sobreviventes de tentativa de suicídio com base em como a experiência repercutiu na vida de cada um. A partir das contribuições de Dutra (2000), os autores discutem a implicação suicida do modo inautêntico de viver. De acordo com o autor, a morte surge como alternativa para aniquilar o vazio e a dor existencial daqueles que não vivem autenticamente – as escolhas incondizentes com o eu verdadeiro levam a uma existência atravessada pela infelicidade, fracasso, baixa autoestima e irrealização (mencionado em BORIS, MOREIRA, ROCHA, 2012). Essa visão de angústia perante uma existência imprópria irá atravessar toda a literatura analisada, pois é uma questão central na fenomenologia.

Ao estudar o suicídio a partir da experiência dos sobreviventes, o artigo afirma que, de acordo com Rogers (1961/1997), deve-se tomar cuidado para não cair no alheamento. Se o ocorrido for tomado como uma mera lembrança de fatos, ele perde a potencialidade de ser ressignificado a partir da forte ligação com o vivido e como ele ainda afeta a pessoa, pois torna-se um fato pontual no passado. Ser autêntico implica em apropriar-se das dores vividas e tornar-se mais consciente das próprias atitudes e sentimentos, o que permite abertura maior à experiência. (ROGERS, 1961/1997, mencionado em BORIS, MOREIRA, ROCHA, 2012)

Entretanto, o texto também critica Rogers por não reconhecer a mútua constituição do homem em relação ao mundo, como faz Merleau-Ponty (1945/2006), cuja filosofia não nega o mundo interior nem exterior, mas também não se prende ao psicologismo ou ao olhar socializante: a dicotomia é superada a partir do olhar fundamentalmente existencial, que marca a fenomenologia humanista, a qual chama de ambígua. (MERLEAU-PONTY/1945/2006, mencionado em BORIS, MOREIRA, ROCHA, 2012) Sendo assim, para compreender o suicídio, deve-se optar por uma infinita dialética com constante revisão epistemológica, pois o conhecimento também deve permanecer aberto às possíveis experiências que vêm a acontecer (BORIS, MOREIRA, ROCHA, 2012).

Tal singularidade permite-nos compreender o suicídio como uma ação de um indivíduo em um contexto sociocultural, no qual se encontram mutuamente implicados (Merleau-Ponty, 1961/2004; 1945/2006; 1964/2009). Esta mútua constituição tanto evidencia a própria condição mundana da experiência humana, quanto destaca a impossibilidade de um estudo sobre o tema que não seja multidisciplinar. Não se trata de encontrar causas para o fenômeno do suicídio, mas de compreendê-lo na sua imbricação com o mundo em que se constitui o indivíduo que pensa e, por vezes, tenta se matar. (idem, p.76).

Dessa forma, o texto critica a psicopatologia atual, que também se propõe a entender o suicídio, mas se fecha na sintomatologia e no diagnóstico de doenças mentais circundantes.

A interdisciplinaridade do ato suicida mencionada também será considerada em todos os estudos analisados e se mostra essencial para a compreensão do fenômeno, pois se soma ao fato de que a experiência é singular a cada indivíduo. Mas o texto de Boris, Moreira e Rocha (2012) texto é o único, dentre os consultados, que fala sobre as fantasias do suicida na hora da morte. A maior parte delas, constata os autores, remetem à procura de uma outra vida, à tentativa de reencontro (com Deus ou algum falecido) ou à autopunição. A vingança sobre os que são próximos do suicida também é uma fantasia comum, que pode ser disfarçada com pedidos de desculpa e desencargo de culpa. Além disso, apesar de não serem considerados atos suicidas, existem formas de autoagressão que também revelam importante desinteresse pela vida e podem ser entendidos como parte desse quadro, mesmo que o indivíduo não perceba.

O artigo de Alves, Couto e Silva (2016) também mostra o suicídio como uma alternativa à dor existencial causada pelo ser não autêntico. O texto denomina "tédio existencial" a condição de sofrimento do homem ao perceber que o tempo está passando sem que ele se aproprie das próprias potencialidades. Isso faz referência ao que foi mencionado na introdução deste trabalho em relação ao ser-para-morte de Heidegger (1927), expressão que o filósofo utiliza para abordar a finitude do *Dasein* como condição existencial e que, ao ser apropriada, provoca angústia perante a responsabilidade de ser para si antes que a morte chegue.

Jean-Paul Sartre também dialoga com a fenomenologia e o suicídio em seus textos. Carlos Ming-Wau Freitas da Silva (2019) faz essa relação em sua dissertação de Mestrado em Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Sartre baseou sua fenomenologia na de Husserl, assim como Heidegger e Merleau-Ponty o fizeram, e os chamamos de existenciais por compreenderem o homem a partir da sua relação com o mundo (FREITAS, 2019). Para a

fenomenologia existencial sartriana, o suicídio é um absurdo existencial, mas continua como uma possibilidade do homem livre. Tal fenômeno deve ser analisado exatamente da forma como ele se manifesta, sem interpretações que se distanciam do fenômeno em si, mas do desdobramento do próprio fenômeno.

Para Sartre (1943/2015, p. 19), “o fenômeno é o que se manifesta, e o ser se manifesta a todos de algum modo, pois dele podemos falar e dele temos certa compreensão”. O aparecimento do fenômeno revela que sua essência não está por trás das coisas, mas o fenômeno revela o que a coisa é, ou seja, ao aparecer, o fenômeno encerra a essência da coisa (CONCEIÇÃO, 2017). Dito de outro modo, o filósofo explicita que a “existência precede a essência” (Sartre, 18 1946/2014, p. 18), ou seja, o homem primeiro existe e depois define os caminhos que tomará na construção do seu projeto de ser.

A dissertação de SILVA (2019) sobre Sartre e suicídio alinha-se também à perspectiva fenomenológica ao criticar a sociedade patologizante, que, na maioria das vezes, coloca a causa do suicídio em uma doença mental. Essa rotulação pouco contribui para a compreensão do suicídio, bem como de qualquer fenômeno.

Sartre toma de Heidegger o entendimento de homem como *Dasein* (ser-no-mundo). Devido a essa condição, traz consigo marcas do tempo e das interações com outros *daseins*, bem como as marcas da relação com a morte, finitude e suicídio. Entretanto, o francês nega que o ser-para-morte seja a última possibilidade autêntica do homem. De acordo com Heidegger, “a morte é a possibilidade mais autêntica do *dasein*”, pois coloca o ser em jogo e abre espaço para o ser próprio.

Assim, a morte lança o *dasein* num fim que o acompanha desde o seu início, pois o homem morre enquanto vive (Roehe, Dutra, 2017) e “revela a finitude da existência humana, o fato de que o homem tem um fim, que ele morre e que sua existência acaba” (WERLE, 2003, p. 110)

Portanto, para Heidegger, morte não é um final, mas algo constantemente presente na vida. Sartre não vê a morte dessa forma - como algo originário da existência ou como possibilidade de *dasein* enquanto ser próprio. Para ele, ela é uma contingência que impede a continuidade do projeto de ser do homem. Este projeto de ser é uma organização existencial que estabelecemos com o mundo desde que nascemos.

Heidegger e Sartre voltam a concordar quando o último diz que o suicídio pode ser uma fuga, realizada na má-fé. Aqui, entende-se má-fé como uma fuga da própria

existência quando o homem se dá conta de sua liberdade de escolha, criada como tentativa de resolver algo que falta em uma ilusão de completude

Assim, podemos pensar que alguns casos de tentativa de suicídio ocorrem como uma espécie de má-fé, pois aqueles que atentam contra a própria vida tem a ilusão de que acabarão com todos os seus problemas, seus fracassos, suas decepções amorosas e tudo o que lhes faz mal. Contudo, as tentativas de suicídio lhes põem diante de comportamentos de alto risco, porque pode ocasionar a morte, acabando com o projeto de ser (CASTRO, EHRlich, 2016).

Essa compreensão assemelha-se à Heidegger, pois este também vê o suicídio como uma escolha frente à angústia do ser-para-morte, quando *Dasein* não dá conta da responsabilidade de sua própria existência e do ser impróprio, resolvendo acabar com ela. Além disso, ambos concordam sobre a falta inerente à existência, isto é, como algo que sempre falta algo e é neste espaço em aberto que os fenômenos aparecem.

Ambos também falam da angústia que cerca o suicídio. Para Sartre, a angústia acontece pois o homem está condenado a ser livre, ou seja, tem a responsabilidade e o dever de fazer suas próprias escolhas. Isso o aproxima de Heidegger, pois este também fala da angústia como nossa condição ao perceber a propriedade de nossa existência. Entretanto, Heidegger acredita que ela vem também de nossa finitude, ou seja, de que temos um tempo para explorar essa liberdade.

O fato de o homem não ter condições *a priori* também é uma semelhança entre os autores. Por esse motivo, Sartre afirma que o homem sente desespero e desamparo ao ter que escolher, pois é isso que este será, uma vez que não há nada que o defina anteriormente.

## 5 DISCUSSÃO

Apesar de a fenomenologia colocar o suicídio como uma escolha, é importante lembrar que não existe sujeito sem mundo, separação quebrada por Heidegger e usada para interpretações tradicionais do suicídio. Faz-se necessária uma análise social para entendermos o suicídio a partir de uma escolha de *Dasein*, que se encontra lançado nesse mundo e irá construir seus sentidos a partir do que se apresenta para ele em sua consciência e que culminará em diferentes escolhas, dentre elas o possível suicídio.

Dasein é ser-no-mundo, o que significa estar lançado em ser com os outros e em um espaço físico, temporal e histórico, que contém uma facticidade. Homem e mundo se configuram como um só ser, que está sempre lançado nas possibilidades que este mundo oferece (Santos,2006). Portanto, discutir o suicídio de forma fenomenológica é levar o fenômeno para além do indivíduo e analisar tudo aquilo que permeia sua existência. Como destaca Moreira (2007, citado por Boris, Moreira, Rocha, 2012, p.77),

este homem que sempre está entrelaçado com o mundo, não é o centro do mundo. (...) a tentativa suicida, assim reconhecida, deixa de ser concebida como um fenômeno vivido por uma subjetividade adoecida e passa a ser compreendida como um *fenômeno mundano*.

Uma pesquisa feita por Silva et al (2022) mostrou que fatores sociais são os principais associados ao suicídio no nordeste brasileiro. Os autores estabeleceram oito variáveis que aumentavam a chance de morte por suicídio, sendo todas elas fatores sociais: Índice de Gini, desemprego, IDH, analfabetismo, renda *per capita*, presença de paredes inadequadas no domicílio, rede de esgoto e água adequados e gasto de tempo mais que 1h para chegar ao trabalho.

Outro trabalho, realizado na região norte do Brasil, associou fatores sociais, econômicos e de gênero ao suicídio. Os autores entrevistaram 14 mulheres idosas no período entre novembro de 2013 e julho de 2014 a respeito de suas vivências de maus tratos, casamentos, de isolamento social e maternidade. Todas viveram parte da vida na zona rural e na pobreza. Como resultado, observou-se que a morte por suicídio foi idealizada por todas as entrevistadas, sendo que 12 delas haviam tentado se envenenar pelo menos uma vez, enquanto sete já haviam tentado se matar pelo menos três vezes (Magalhães da Silva et al, 2018).

Nos casos de grande violência social, pode-se considerar que os daseins que passam por tal experiência são acometidos por um grande estreitamento das possibilidades de ser, pois ser, como verbo, está, atualmente, muito atrelado ao poder econômico. Em teoria, todos podem ser, mas alguns podem ser mais que os outros e isso não tem relação com o quão avançado estão no encontro de si mesmos, mas com o fato de que a criação de novas possibilidades é infinitamente mais acessível quando se pode pagar por elas. Isso não quer dizer que ter poder econômico elimina a possibilidade de suicídio. Afinal, não é um fenômeno de uma causa só e todos nascem lançados na impropriedade.

Atualmente, as redes sociais são um grande fator contribuinte para a manutenção da impropriedade, principalmente em adolescentes. O estilo de vida divulgado pela mídia se mostra como única possibilidade e como um dever que precisa ser alcançado. A própria mídia oferece as ferramentas para que o alcance, geralmente acessadas a partir do consumo e divulgadas pelos “influenciadores sociais”. O problema desse cenário virtual é, justamente, sua virtualidade. Ou seja, o que é divulgado lá não é uma possibilidade real de existência. Como consequência, as pessoas lançadas nesse mundo não encontram sentidos nele, pois estão muito longe de se identificar com algo mostrado.

Carlos Ming-Wau Freitas da Silva (2019, p.32) também faz alusão ao aspecto social do suicídio em sua dissertação:

(...) uma seção deste capítulo se detém a questionar a alta quantidade de suicídios que atualmente acontece em nossa sociedade. Tal fato se contrapõe aos padrões socioculturais e econômicos contemporâneos que enaltecem a felicidade, a beleza e o consumo (Dutra, 2011, 2012) e menosprezam a dor e o sofrimento constituintes da existência humana (Feijoo, Protasio,, Sant’Anna, 2018).

Pode-se pensar que os adolescentes, ao tentarem se identificar com o mundo virtual em que estão lançados, que valoriza a “felicidade, a beleza e o consumo”, se sentem não participantes da sociedade, pois não conseguem corresponder o tempo todo a essa enorme expectativa. O recorte que as redes sociais fazem da realidade é muito pequeno e superficial, não comportando nenhum tipo de realidade.

O artigo de Boris, Rocha e Moreira (2012) sobre a experiência suicida na fenomenologia também concorda que cabe analisarmos a questão social do fenômeno, mesmo que este seja uma escolha individual.

As tentativas de suicídio repercutem de modo diferente e singular sobre cada pessoa, ainda que algumas considerações epidemiológicas se apresentem na maioria dos casos. Tal singularidade nos permite compreender o suicídio como uma ação vivida num contexto sociocultural determinado. Com base no referencial humanista fenomenológico, compreendemos que a relação entre as tentativas de suicídio e o contexto em que vive a pessoa que as comete é mutuamente constituída. Portanto, não podemos privilegiar uma perspectiva, individual ou social, sem que comprometamos a compreensão do fenômeno do suicídio. (BORIS, MOREIRA, ROCHA, 2012)

Outras influências das redes sociais para o suicídio são discutidas no artigo de MOREIRA, et al, (2019) São cada vez mais comuns os encontros de jovens com postagens que incitam o ato, como o jogo “Baleia Azul”, pelo qual os participantes recebem tarefas de mutilar-se e postar fotos como prova, incentivando outros a também o fazerem. A última tarefa desse jogo é o suicídio. (MOREIRA, et al, 2019). Além disso, o *cyberbullying*, que desmotiva e humilha a vítima. (MOREIRA, et al, 2019)

Assim, foi possível observar que a visão fenomenologia acerca do ato suicida leva em conta temas centrais de *dasein*, como a angústia, autenticidade e inautenticidade, ser-para-morte e liberdade. A aniquilação da dor e da responsabilidade de viver foram os principais apontamentos como causa imediata do ato, embora diversos fatores também estejam envolvidos, como foi observado na contribuição do contexto social.

De acordo com os autores estudados, pode-se se extrair ideias principais de cada um. Rocha, Boris e Moreira (2012) colocam o suicídio como uma implicação do modo inautêntico de viver, enquanto também citam Dutra (2000) para completar que esse modo inautêntico causa o vazio existencial, cujo aniquilamento é o motivo da busca pela morte. Entretanto, Rocha, et al (2012) também criticam Dutra, pois este não considera a constituição ambígua de homem proposta por Marleau-Ponty, que também considera o contexto socio-cultural na qual o indivíduo se encontra para compreender a mutua constituição do homem. Esse fato se sobressai nos estudos de suicídio para salientar a necessidade de estudo multidisciplinar, que procurará compreendê-lo a partir da constituição de mundo individual.

Alves, Couto e Silva (2016) também falam sobre o suicídio como alternativa à dor existencial causada pela inautenticidade, além do tédio existencial que também pode contribuir para o fato.

Já na visão de Sartre, a morte é algo que impede a continuidade de projeto do homem – projeto esse que organiza a existência. Heidegger, ao contrário, considera a morte como organizadora devido ao ser-para-morte. Ambos os autores percebem o suicídio como uma possibilidade de eliminação da angústia, que é causada pelo não dar conta da responsabilidade de ser, segundo Heidegger, e pela má-fé, segundo Sartre. Além disso, os filósofos também convergem quanto à falta inerente à existência, que deixa um espaço em aberto para os fenômenos aparecerem.

Dessa forma, conclui-se que a fenomenologia, embora existencialista, não dispensa as condições do mundo para compreender o fenômeno, pois isso está intrinsecamente ligado ao fato de *dasein* ser lançado ao mundo. Este, por sua vez, varia mediante as possibilidades e condições que oferece para cada *dasein*.

A dissertação de Silva (2019) também traz a visão de Ariès (1975/2012) acerca da morte, que podem ajudar a compreender como a sociedade recebe a morte de seus integrantes, incluindo a suicida. O historiador divide a história da morte no ocidente em várias fases que se relacionam aos modos criados para significar a morte. Destaca-se a fase da “morte do outro” (a partir do século XVIII) e da “morte interdita” (a partir do século XX) para falar-se sobre suicídio. A primeira refere-se à romantização da morte, pela qual ganhou um novo sentido dramático, impressionante, e a partir da qual a morte do outro tornou-se algo temido e os cemitérios foram criados para enterrar pessoas queridas. Já a outra fase é marcada pela morte técnica em hospitais, anunciada por médicos, isolada da sociedade e em um local de marginalidade e vergonha. Assim, é marcada pela fragilidade, fracasso e fim dos desejos, pois indica o fim de um ciclo que chegará para todos. Ao mesmo tempo, o hospital torna-se local do prolongamento da vida e encobrimento da morte, o que faz surgir, como contraponto, a morte escancarada em locais públicos. (SILVA, 2019). O suicídio vaga entre a morte interdita e a morte escancarada, pois se comunica a partir do espetáculo (Marquetti, 2014), mesmo acontecendo mais frequentemente em residências.

Relaciona-se com a fenomenologia o fato de que o homem, ao delegar a morte ao hospital, evita confrontar-se com a própria finitude, sendo o suicídio algo que força esse enfrentamento do ser-para-morte e a responsabilização por ser. A fase de romantização pode ser uma forma de dar sentido para a vida, como um último ato que será observado e falado pelas pessoas, o que configura um sentido a partir da impropriedade.

## **6 CONCLUSÃO**

Este trabalho teve como objetivo discutir o fenômeno do suicídio para ampliar a compreensão da sociedade sobre o assunto. Foi realizado um levantamento bibliográfico de como essa questão é discutido sob a luz da fenomenologia. Foi possível concluir que esse entendimento considera os temas centrais de *dasein*, incluindo o mundo no qual é lançado e as condições de sentido que oferece ao *dasein*. Tendo isso em vista, a compreensão social do fenômeno suicídio se faz necessária não somente em conjunto

com o caráter existencial, como também dentro dele, pois o contexto não foge à existência. Seja como for, *dasein* é responsável pelas suas escolhas, o que inclui optar por não mais existir.

Albert Camus, em 1941, deu início à sua obra *O mito de Sísifo* afirmando que o suicídio era o único problema filosófico sério, pois “julgar se a vida merece ou não ser vivida é responder uma questão fundamental da filosofia”. O merecimento da vida está no sentido que ela tem de ser possibilidade, o que inclui acabar com as possibilidades, um paradoxo que somente o humano é capaz de viver.

## REFERÊNCIAS

ABREU, A. A crítica de Heidegger ao esquema sujeito-objeto. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, v. 6, n. 2, 2017. Disponível em

<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/30721/24172>>

Acessado em: 28 de maio de 2022

ALVARENGA, A.G. **O suicídio como uma radicalização do ato de não mais escolher: um estudo a partir do entrelaçamento entre filosófica e literatura em Sartre.**

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de São Joao del-Rey, 2015.

Disponível em: <<https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgpsi/Publicacoes/Dissertacoes/ARACELLY%20GALVINO%20ALVARENGA.pdf>>

Acesso em: 9 de jun. de 2021

AMATUZZI, M. Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. **Estudos de Psicologia** | Campinas | 26(1) | 93-100 | janeiro - março, 2007. Disponível em <

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/d7q943CpJXHtgVyMtysjdt/?format=pdf&lang=pt>>

Acessado em: 28 de maio de 2021

American Association of Suicidology. **Suicidology**, 2020. Página inicial. Disponível em:

<<https://suicidology.org/>> Acesso em: 29 de maio de 2020

BORIS, G, ROCHA, M; MOREIRA, V. A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, 2012. Disponível em <

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672012000100010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000100010)>

Acessado em: 20 de maio de 2020

BORIS, G., MELLO, A., MING-WAU, C., SILVA, R. A Decisão de Tentar o Suicídio sob a Lente Fenomenológico-existencial Sartriana. **2020, Vol. spe. doi:10.12957/epp.2020.56663.** Disponível em:

<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/56663/36225>> Acesso em: 25 de jun de 2021.

Centro de Valorização da Vida. O CVV, 2020. Disponível em:<<https://www.cvv.org.br/o-cvv/>> Acesso em: 29 de maio de 2020/

CESCON, L; CAPOZZOLO, A; LIMA, L. Aproximações e distanciamentos ao suicídio: analisadores de um serviço de atenção psicossocial. **Saúde e Sociedade**, 27(1), 2018

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Suicídio e os Desafios para a Psicologia.**

Brasília: 2013.

COSTA, B.A. Daseinsanalyse e psicoterapia no Brasil: uma revisão integrativa da literatura. **Rev. abordagem gestalt.** vol.23 no.2 Goiânia ago. 2017. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672017000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000200006)>

Acesso em: 8 de jun. de 2021

DUTRA, E. Pensando o suicídio sob a ótica fenomenológica hermenêutica: algumas considerações. **Rev. abordagem gestalt**. vol.17 no.2 Goiânia dez. 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672011000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200006)> Acesso em: 30 de maio de 2021

Governo Federal. Ministério da Saúde, 2020. **Coletiva de Suicídio**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/coletiva-suic-dio-pdf/view>> Acesso em: 29 de maio de 2020.

Governo Federal. Ministério da Saúde, 2020. **Novos dados reforçam a importância da prevenção do suicídio**. Disponível em: <[emhttps://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/novos-dados-reforcam-a-importancia-da-prevencao-do-suicidio](https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/novos-dados-reforcam-a-importancia-da-prevencao-do-suicidio)> Acesso em: 29 de maio de 2020

Marquetti, F. O suicídio e sua essência transgressora. **Psicologia USP**, 25(3), 237- 245, 2014. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/psp/a/9PW3CnCwx6VkjcgGHGD48k7y/abstract/?lang=pt>> Acessado em: 29 de maio de 2021.

MOREIRA, F; PITA, J. As fases do pensamento fenomenológico de Ludwig Binswanger Psicol. Estud. 18 (4), 2013. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pe/a/bxRKYSLKN4Ck7q4pz4J4QJM/?lang=pt>> Acessado em: 28 de maio de 2022.

MOREIRA, L.; SANTOS, B.; SANTOS, V.; SIEBEL, M. A influência das redes sociais para o suicídio na adolescência. Revista Ciência (In) Cena. Vol. 1 No. 8, Salvador, Bahia, 2019. Disponível em <<http://periodicos.estacio.br/index.php/cienciaincenabahia/article/viewFile/6726/pdf6726>> Acessado em: 29 de maio de 2022

Novaes de Sá, R. (2010). A analítica fenomenológica da existência e a psicoterapia. Em Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (Org.). **Tédio e Finitude: da Filosofia à Psicologia**. [pp. 177- 199]. Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Suicídio**. Página inicial. 2020. <<https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>> Acesso em: 29 de maio de 2020.

PIMENTA, D.R. A postura camusiana perante o suicídio físico. Existência e Arte – **Revista Eletrônica do Grupo PET** – Ciências Humanas, Estética da Universidade Federal de São João Del-Rei – ANO VIII – Número VII – janeiro a dezembro de 2012. Disponível em: <[https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/A\\_Postura\\_Camusiana\\_Perante\\_o\\_Suicidio\\_Fisico.p df](https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/A_Postura_Camusiana_Perante_o_Suicidio_Fisico.pdf)> Acesso em: 9 de jun. de 2021

POMPÉIA, J.; SAPIENZA, B. **Os dois nascimentos do homem: escritos sobre terapia e educação na era da técnica**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011

SAPIENZA, B. **Encontro com a Daseinsanalyse: a obra Ser e Tempo, de Heidegger, como fundamento da terapia dasensanalítica**. São Paulo: Escuta, 2015. p. 42

SEIBT, C.L. Temporalidade e propriedade em Ser e Tempo de Heidegger. **Rev. Filos.**, Aurora, Curitiba, v. 22, n. 30, p. 247-266, jan./jun, 2010. Disponível em: < <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/2254> > Acesso em: 7 de jun. de 2021

SILVA et al, M. Ideação e tentativa de suicídio de mulheres idosas no nordeste do Brasil. **Rev. Bras. Enferm.** 71 (suppl 2), 2018. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/reben/a/FKpSmdnPbBcxrjMvFNFBx3J/?lang=pt#>> Acesso em: 29 de maio de 2021

SODELLI, M.; SODELLI-TEODORO, A. Visitando os “Seminários de Zollikon”: novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica. **Psicologia Revista**, São Paulo. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/10343> > Acesso em: 7 de jun. de 2021

WERLE. M.A. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 26(1): 97-113, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/JLXMqcxLdXLsBdmwKwFbTHg/?lang=pt>> Acesso em: 7 de jun. de 2021

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide in The World: Global Health Estimates**, 2019. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/326948/WHO-MSD-MER-19.3-eng.pdf?ua=1>> Acesso em: 29 de maio de 2020

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide Prevention**. Health Topics, 2020. Disponível em: <[https://www.who.int/health-topics/suicide#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/suicide#tab=tab_1)> Acesso em: 29 de maio de 2020